

A SOCIOLOGIA, O RACISMO E O SILÊNCIO: DU BOIS E A ESCOLA DE ATLANTA

Erik Wellington Barbosa Borda¹

Resenha do livro:

MORRIS, Aldon. *The scholar denied: W. E. B. Du Bois and the Birth of Modern Sociology*. Los Angeles: University of California Press, 2015.

No Brasil, o nome de W. E. B. Du Bois é ainda sujeito a um relativo desconhecimento. Apesar de iniciativas de tradução, a relação com sua obra parece se dar através de um véu, de modo que, após ler *The Scholar Denied*, de Aldon Morris, não podemos deixar de nos perguntar até que ponto não estivemos sujeitos ao mesmo sintoma que atingiu nossos pares norte-americanos brancos. No livro, Morris argumenta que Du Bois foi um dos criadores da primeira escola de pensamento sociológico dos Estados Unidos. Muito antes que o departamento de Sociologia de Chicago irrompesse no horizonte, os estudos empíricos de Du Bois e seus alunos haviam sido os primeiros do tipo na América. Max Weber mostrava-se entusiasmado com essas reflexões e, segundo Morris, havia sido influenciado por elas em diferentes dimensões. A ironia da história é que a Sociologia americana branca não julgou com igual estima, e não poupou esforços para minar e silenciar o projeto de Du Bois e da Escola de Atlanta.

O livro se inicia com a discussão das narrativas do surgimento da Sociologia científica nos Estados Unidos. Nesse país, segundo o autor, por surgir em um momento de eclosão de conflitos étnicos e raciais, a disciplina não teve muita

¹ Programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) - São Carlos - Brasil - ewbborda@gmail.com

escolha a não ser lidar com esses problemas. Entretanto, as perspectivas interpretativas que se apresentavam eram, em sua maioria, levadas à cabo por intelectuais brancos, e proclamavam a inferioridade cultural e biológica dos negros. Do ponto de vista do outro lado da linha de cor, o grande porta-voz da “solução negra” era Booker T. Washington, que propunha uma educação exclusivamente centrada no trabalho para as massas negras (Washington, 1966). Aldon Morris ao longo do estudo dedica muita atenção a Washington, afinal, não apenas era este autor defensor de pautas racialmente conservadoras, como essa posição lhe garantiu o papel de “porteiro, determinando quais negros seriam financiados ou apontados para posições importantes”² (Morris, 2015: 12, tradução livre) – o que mais adiante significaria problemas para o projeto da Escola de Atlanta. É nesse e contra esse contexto que W. E. B. Du Bois ingressa no campo, e aposta na Sociologia como uma arma civilizatória, uma disciplina que, com atenção empírica rigorosa teria o poder de desmistificar os mitos ao redor da pretensa inferioridade negra.

Morris aponta que W. E. B. Du Bois teve uma trajetória diferente de seu grande opositor, Washington. Havia nascido em Great Barrington, Massachusetts, uma pequena cidade do norte onde os brancos eram relativamente liberais. Sua experiência no Sul, mais precisamente na Universidade de Fisk, em Nashville, aguça sua identidade enquanto uma pessoa negra, ao mesmo tempo que lhe coloca em contato com um currículo de alta cultura, voltado à Filosofia, à História, à Literatura e outras artes liberais. Sua educação lhe permitiu ser o primeiro negro a conseguir um Phd pela Universidade de Harvard e a estudar na Alemanha, onde foi exposto à efervescência intelectual daquele país, personificada em nomes como os de Gustav von Schmoller, Wilhelm Dilthey, Max Weber etc. Não menos importante, tal circulação de Du Bois também permitiu perceber que era e podia ser tratado como socialmente igual aos brancos. Essa trajetória preparava culturalmente Du Bois “para ser o fundador da Sociologia científica nos Estados Unidos.”³ (Morris, 2015: 16, tradução livre)

O acesso a capitais dessa natureza – e outros que, de acordo com Morris, são tão ou mais importantes para compreender Du Bois – lhe permitiu uma inserção peculiar no campo, assim como uma perspectiva muito distinta acerca da questão racial. Morris argumenta, em contraposição a outros estudiosos da obra Du Boisiana, que Du Bois “formulou uma visão construtivista de raça”⁴ (Morris, 2015: 29, tradução livre), que a Sociologia da raça de Du Bois estava

2 “Most of all, Washington controlled black rivals by controlling the allocation of resources, for he became the gatekeeper determining which Negroes were funded or appointed to important positions.”

3 “Du Bois’s academic training prepared him to become the founder of scientific sociology in the United States.”

4 “Du Bois formulated a social constructionist view of race.”

enraizada no postulado fundamental que o povo que, nesse momento político e histórico, era definido como ‘Negro’ não era inerentemente inferior a nenhuma outra assim chamada raça na Terra, incluindo, ‘brancos americanos’, tal como eram chamados nos Estados Unidos’ (Morris, 2015: 29). Nesse sentido, aqueles que tentaram ver em Du Bois uma visão essencialista e biologicista de raça, como Appiah, Reed e Watts, ancoraram suas afirmações em uma apropriação seletiva dos escritos do autor.

Vale dizer que a análise de Du Bois, que antecipa perspectivas construcionistas contemporâneas de raça, não veio fortuitamente, mas estava ancorada em profundos estudos empíricos multimétodos que o autor havia levado a cabo. Um desses, o clássico *The Philadelphia Negro* (1899), foi não apenas o primeiro estudo de negros urbanos nos EUA, como comumente era reconhecido, mas também um dos primeiros estudos científicos da Sociologia nesse país. De fato, uma de suas contribuições seminais corresponde à metodologia. “Afastando-se de suposições de gabinete e de flashes de intuição comuns naquele tempo, assentava-se sobre uma base empírica: não apenas entrevistas extensivas com as famílias, mas também surveys, dados de arquivo e etnográficos de observação participante.”⁶ (Morris, 2015: 46, tradução livre) Há, para Morris, aqui outro locus de pioneirismo da parte de Du Bois; a técnica que hoje chamamos “triangulação” (Morris, 2015: 47).

Em seguida, o livro de Morris prossegue para outro tema importante de sua investigação, o da Escola de Atlanta. Após completar *The Philadelphia Negro*, em 1897, Du Bois tenta estabelecer um programa de pesquisa acerca da vida afro-americana, e como não conseguiu realizá-lo em uma instituição branca – pouco inclinadas à época a estudos com essa temática –, encontra espaço para tal na Universidade de Atlanta, onde permanece por treze anos. “Aí, ele desenvolveu um departamento de Sociologia, lecionou Sociologia e construiu um laboratório de pesquisa em Sociologia.”⁷ (Morris, 2015: 57, tradução livre) Essa discussão é central para os desenvolvimentos posteriores de Morris, afinal, o projeto de Du Bois nessa instituição dá origem a uma verdadeira escola científica de Sociologia, a primeira, segundo o autor, de seu tipo na América.

5 “I argue that Du Bois’s sociology of race was rooted in the fundamental postulate that the people who in his political and historical moment were defined as ‘Negroes’ were not inherently inferior to any other so-called race on Earth, including white americans’, as they were being called in the United States.”

6 “Departing from the armchair conjectures and flashes of intuition customary at the time, it rested on an empirical base: not only extensive interviews with all families in the ward but also surveys, archival data, and ethnographic data from participant observation.”

7 “Here he developed a sociology department, taught sociology, and built a research laboratory in sociology.”

Mesmo com recursos limitados, uma geração de sociólogos negros fora treinada sob as asas de um sociólogo também negro, muito antes que nomes conhecidos das relações raciais dos EUA fossem treinados por pesquisadores brancos e se tornassem as referências de “os primeiros de seu tipo” nesse domínio. Du Bois acreditava que o progresso dos negros americanos tinha uma estreita relação com a desmistificação dos mitos de sua inferioridade, e nessa tarefa, a Sociologia teria um papel central a desempenhar. O foco dos estudos da Escola de Atlanta incidiu, pois, em pesquisas empíricas que revelassem a situação da população afro-americana, pesquisas cujos resultados indicavam que o peso maior relativo ao “atraso” da raça residia menos em qualquer tipo de diferença biológica do que nas pressões exteriores do racismo. Entre os sociólogos que protagonizaram esse movimento, Morris destaca Monroe Work, Richard Wright Jr e George Haynes, uma geração apagada de sociólogos negros, cuja atenção investigativa, como a de Morris, pode servir para relevar o lugar do racismo na formação do campo acadêmico.

Em todo caso, não foram só negros que Du Bois treinou e se relacionou durante sua estada em Atlanta. Tão interessante quanto essa ênfase no estudo de Morris sobre os sociólogos negros está aquela sobre outros tipos de redes intelectuais, por exemplo, as estabelecidas com mulheres brancas, como Mary White Ovington, ativistas que, sensíveis à desigualdade de gênero, quando se depararam com a obra de Du Bois tiveram sua entrada nisso que Morris chama de redes intelectuais insurgentes, passando também a incluir a questão racial como variável analítica. Morris sublinha a atenção detalhada de Ovington às condições das mulheres negras em Nova Iorque, uma adição significativa ao trabalho colaborativo da Escola de Atlanta.

Morris ruma, então, para uma incursão pela Sociologia da América negra, que apreende principalmente com uma ênfase sobre a figura de Robert Park. Essa ênfase, por sua vez, é dada por meio tanto da aliança conservadora que Park estabelece com Booker T. Washington, quanto por meio do debate intelectual e também político – que Park tem com Du Bois. Washington necessitava no começo do século passado de alguém com experiência em mídia para atuar como seu *ghost writer* e acessor. Devido a suas qualidades, Du Bois era a escolha mais evidente para auxiliar Washington em Tuskegee e, de fato, a ele não só fora oferecida uma posição como também uma grande pressão por parte de outros importantes atores do meio intelectual afro-americano para que aceitasse, o que, por motivos pessoais e políticos, não aconteceu, levando Washington finalmente a Park, em 1905. Morris apresenta aqui um Park muito distante daquele que seria conhecido depois como um dos fundadores da Escola de Chicago. A

essa altura, ainda que dotado de uma formação acadêmica de elite – como Du Bois, Park passa por Harvard e pela Universidade de Heidelberg –, Park, em crise, não se julgava capaz de intervir no fluxo da história. Além disso, relações raciais, o negro e o Sul eram ainda temas alheios a seus interesses. É justamente sua temporada em Tuskegee, junto a Washington, que o prepara para se tornar uma das figuras-chave da Sociologia das relações raciais americana, e isso não apenas em termos de experiência e conhecimento adquirido: é sua aliança com Washington que finalmente lhe dotará do capital social que mais tarde o coloca dentro do departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, onde permanece até sua aposentadoria quase duas décadas mais tarde.

O debate de Park com Du Bois, por sua vez, é tratado por Morris com particular ênfase na discussão travada por aqueles autores a respeito do lugar de África na cultura negra americana. “Park argumentava que os negros diferiam dos imigrantes não apenas porque eram mais primitivos, mas porque careciam de uma terra natal cultural, e assim não podiam trazer uma cultura ancestral à América.”⁸ (Morris, 2015: 120, tradução livre) Du Bois afirmava o contrário. Os inúmeros estudos “acerca dos negros o convenceram de que as tradições culturais africanas eram não apenas presentes como influentes na família afro-americana, na igreja e na música durante e após a emancipação.”⁹ (Morris, 2015: 121, tradução livre) A pesquisa de Morris aqui revela um lado nebuloso da formação da Sociologia americana, na medida em que mesmo um autor como Park, que posteriormente iria manifestar uma repulsa à associação entre política e pesquisa social, não só não foi coerente com essa proposta, como na maior parte das vezes agia de maneira completamente oposta. É justamente por meio da imagem de Du Bois que isso pôde ser apreciado.

Ao mesmo tempo, do outro lado do Atlântico as coisas pareciam se dar de outro modo. Max Weber via em Du Bois “um dos maiores sociólogos da América. [...] e absorveu insights sociológicos [...] para enriquecer sua própria imaginação sociológica.”¹⁰ (Morris, 2015: 149, tradução livre) O argumento de Morris nesse capítulo contraria a tendências que, segundo ele, não são sustentadas pelos fatos, como a de que Weber teria sido professor de Du Bois enquanto este es-

8 “Park argued that blacks differed from immigrants not only because they were more primitive but because they lacked a cultural homeland and thus could not bring an ancestral culture to America.”

9 “In contrast, Du Bois’s numerous studies of blacks convinced him that African cultural traditions were not only present but influential in the African American family, church and music during and after emancipation.”

10 “A prominent sociological scholar a continent away embraced Du Bois’s scholarship and declared him to be one of the greatest sociologists in America. Not only did the famous German sociologist Max Weber, who became world renowned several decades later, include Du Bois in the sociology fraternity; he absorbed Du Bois’s sociological insights, using them to significantly enrich his own sociological imagination.”

tava na Alemanha. No limite, o que está implicado aí é a visão de que Du Bois era um “privilegiado” por ter tido aula com esse grande mestre – tal como se já fosse ele à altura parte da trindade sagrada junto com Durkheim e Marx. O caminho de Morris segue a direção contrária: demonstra que Du Bois teve um papel ativo na mediação do contato de Weber com os EUA, e o influenciou de modo fundamental. Fora por meio dos escritos de Du Bois que Weber teve sua atenção dirigida à especificidade da temática racial, e fora também após esses escritos que Weber questionou pressupostos racistas, pressupostos que ele transpunha a sua interpretação Sociológica. Até então, Weber via os negros como “*semi macacos*”.¹¹ (Morris, 2015: 155, tradução livre) É o contato com a obra de Du Bois, e o início posterior de uma relação intensa de trocas intelectuais entre ambos, que leva à transformação de perspectiva que se pode apreciar em Weber quando ele se posiciona rigidamente contra posições eugênicas durante o primeiro congresso da Sociedade Sociológica Alemã, em 1910, ou seja, quatro anos após visitar os EUA. Nesse sentido, “a produção de Du Bois e Weber acerca de raça e etnicidade foi mutuamente afetada por suas trocas intelectuais. Mas como Du Bois publicou suas ideias sobre classe e casta antes que Weber, é provável que a principal direção de influência era de Du Bois para Weber.”¹² (Morris, 2015: 165)

O último capítulo é dedicado à questão que orienta todo o livro: “pode uma escola existir ainda que suprimida por um século?”¹³ (Morris, 2015: 168, tradução livre). Ou seja, como pode ser influente a produção de uma escola de autores negros se hoje ela aparenta ser desconhecida a muitos? Nesse capítulo, Morris estabelece um debate fecundo com tradições da Sociologia do conhecimento. Fecundo pois leva insights dessas tradições a regiões inexploradas, na tentativa de mostrar como alguns deslocamentos analíticos se fazem necessários quando se propõe a estudar a trajetória ou redes de intelectuais subalternos. Centrais para Morris aqui são Bourdieu, com o conceito de capital, e Randal Collins e Robert Merton, com as noções de redes. Em diálogo com o primeiro, Morris argumenta que em se tratando de acadêmicos oprimidos e sem recursos, um outro tipo de capital entra em jogo, tão ou mais importante que os outros: o capital de libertação (*liberation capital*). “Consiste em trabalhos de pesquisa e outras atividades acadêmicas voluntários ou simbolicamente pagos, providas por um grupo autoconsciente de profissionais e trabalhadores intelec-

11 “semi-apes”.

12 “Du Bois and Weber’s scholarship on race and ethnicity was mutually affected by their intellectual exchanges. But because Du Bois published his ideas on class and caste earlier than Weber, it is likely that the main direction of influence was from Du Bois to Weber.”

13 “Can a school exist if suppressed for a century?”

tuais amadores para uma escola subalterna de pensamento que visa a desafiar os fundamentos intelectuais da opressão.”¹⁴ (Morris, 2015: 188, tradução livre) Com os últimos, Morris concorda que redes intelectuais são necessárias para a produção de uma obra original, mas discorda da necessidade implícita aí de que são necessárias redes de elite. O projeto de Du Bois e da Escola de Atlanta, para o autor, é melhor caracterizado como uma rede intelectual insurgente (*insurgent intellectual network*). Elas são “construídas por intelectuais subalternos aos quais – por causa do império, raça, classe e/ou discriminação de gênero – foi negado o acesso a redes intelectuais de elite.”¹⁵ (Morris, 2015: 193, tradução livre)

O livro de Morris é uma contribuição importante aos projetos teóricos críticos recentes que reinterpretem a história da Sociologia enquanto disciplina. Além disso, o livro oferece ferramentas analíticas úteis para o estudo sociológico de autores ou grupos de intelectuais que operam fora da órbita dos canais tradicionais e hegemônicos de produção de conhecimento, muitas vezes em contraposição a estes. Acredito que sua leitura em nossa situação nacional possa catalisar o processo já em curso de descoberta e apropriação de matrizes críticas da diáspora africana entre nós, nas quais Du Bois desponta como um de seus grandes expoentes.

Referências

- DU BOIS, William Edward Burghardt. *As almas da gente negra*. São Paulo: Lacerda, 1999.
- MORRIS, Aldon. *The scholar denied: W. E. B. Du Bois and the Birth of Modern Sociology*. Los Angeles: University of California Press, 2015.
- WASHINGTON, Booker. T. The educational outlook in the south. In: *Negro social and political thought*. New York: Basic Books, 1966.

Recebido em 06/06/2017

Aprovado em 20/06/2017

Como citar esta resenha:

BORDA, Erik Wellington Barbosa. A sociologia, o racismo e o silêncio: Du Bois e a Escola de Atlanta. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 7, n. 2, jul.-dez. 2017, pp. 515-521.

14 “It consists of volunteer or nominally paid labors in research and other scholarly activities that are provided by a self-conscious group of professionals and amateur intellectual workers for a subaltern school of thought that seeks to challenge the intellectual foundations of oppression.”

15 “IINs are constructed by subaltern intellectuals who – because of empire, race, class and/or gender discrimination – are denied access to elite intellectual networks.”